

DISCURSOS SOBRE GEOGRAFIAS: POSSIBILIDADES DE NOVOS OLHARES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA UTILIZANDO O VIDEOCLÍPE

Wagner Souza Goulart
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD
E-mail: wagnersgoulart@gmail.com

Cláudio Benito Oliveira Ferraz
Prof. Dr. em Geografia do Departamento de Educação da FCT/UNESP.
Coordenador do GPLG.
cbenito2@yahoo.com.br

O convite, as ideias e o processo

Caros leitores, primeiramente convidamos para acessarem o link do vídeo-clipe **Discursos sobre geografias**¹ e assisti-lo, pois, este texto é resultante das temáticas apresentadas pelo mesmo. Portanto, torna-se necessária tal ação para a melhor interpretação/orientação das discussões a seguir.

O vídeo-clipe é fruto de uma série de atividades que se desenvolveram no interior dos *Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas-GPLG* e *Grupo de Pesquisa (Geo)Grafias, Linguagens e Percursos Educativos-GLPE*, em conjunto com o projeto *Cartografias Sonoras: sons/imagens na dinâmica espacial de Dourados (MS) – possibilidades para o ensino e pesquisa em Geografia*, sob a coordenação dos professores Dr^a. Flaviana Gasparotti Nunes e Dr. Cláudio Benito Ferraz, junto à Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP), campus de Presidente Prudente (SP).

Esse audiovisual faz parte da proposta de elaboração de materiais imagéticos e sonoros que expressem as preocupações dos referidos grupos de pesquisas no contexto da Rede Imagens, Geografias e Educação², da qual fazem parte, que tem como parâmetro instigar processos de problematização sobre as atuais questões que envolvem o universo escolar e o ensino de geografia. Os textos e produtos oriundos dos pesquisadores dessa Rede não objetivam desenvolver metodologias e recursos didáticos para o auxílio do trabalho do professor em sala de aula, mas sim de elaborar materiais que forcem professores, e demais interessados com as questões do ensino, a pensarem outras possibilidades de abordar e de atuar com a realidade escolar e educacional. O vídeo, portanto, que é o articulador das ideias presentes neste texto, visa afetar os professores e não necessariamente ser um recurso a ser trabalhado em aulas de geografia do ensino básico, mas nada impede, a quem se interessar pela proposta ali expressa, usar o mesmo em aulas e discussões sobre temas geográficos.

1 Vídeo-clipe “Discursos sobre geografias”: <https://www.youtube.com/watch?v=qkTiMHdmTc>.

2 A Rede Imagens, Geografias e Educação congrega pesquisadores de vários centros de pesquisa e ensino do Brasil e do Exterior voltados para a experimentação e criação de materiais e produtos que melhor problematizem as questões que envolvem o acontecer de elementos imagéticos e seu desdobrar no universo escolar e do ensino de geografia. Para saber mais detalhes sobre a referida Rede, acessar <http://www.geoimagens.net>

Nas práticas pedagógicas em geral, bem como no ensino de Geografia, caminhos estão sendo construídos, se entrelaçando entre os vários campos do conhecimento científico e também nas artes. Abordar o discurso geográfico a partir do diálogo entre ciência, arte, literatura, cinema, música entre outros, nos instiga, portanto, a buscar linguagens que nos subsidiem para novas e necessárias experiências no campo do ensino (KAERCHER, 2014; GALLO, 2013; OLIVEIRA Jr, 2009). Por exemplo, o uso da palavra cantada associada às imagens, visando outras leituras de mundo.

Sendo assim, a produção do videoclipe pode ser uma experimentação para tais anseios, objetivando o exercício do estudante em potencializar devires de pensamentos e interpretações dos fenômenos do mundo atual, a partir da melhor compreensão da lógica de seus processos de espacialização, considerando as diversas escalas em que os fenômenos se manifestam.

Diante da produção pedagógica hegemônica de uma Geografia maior, como pontuamos anteriormente, não buscamos aqui propor novas metodologias como referenciais a serem seguidas ou reproduzidas. Compartilhamos das ideias de Oliveira Jr. (2009) ao adentrarmos nos caminhos de uma produção de experimentos de geografias menores.

As outras linguagens que decifram e experimentam o mundo [...] vêm criando devires outros no pensamento geográfico, produzindo geografias menores: estas são ilhas no entorno do continente da geografia maior, são potências de expansão desse continente, são também as primeiras aproximações desse continente para quem vem do oceano livre e flutuante do pensamento. (OLIVEIRA Jr, 2009, p. 19).

Na tentativa de sermos essas ilhas, sugeridas por Oliveira Jr. (2009), ao entorno do continente maior do pensamento geográfico, temos o papel, não só de apontar possibilidades outras de ampliar os discursos sobre a Geografia, como também de construir pontes que nos liguem às produções acadêmicas hegemônicas, criando assim, relações rizomáticas entre as metodologias de pesquisa e ensino.

Silvio Gallo (2013), também compartilha dessa necessidade de criação de espaços de resistências produzidos por uma educação menor.

São essas heterotopias no tópico que podemos chamar de uma educação menor, nômade. Uma educação menor é *trincheira* (ou, para dizer como Deleuze e Guattari, *toca*, resultado de um devir-animal), espaço de resistência, não um programa. Colocar-se à deriva, como barcos em águas desconhecidas. E, na repetição destas experiências, criar o diferente. (GALLO, 2013, p. 10).

Como o videoclipe em questão faz parte das tentativas de utilização e/ou criação de linguagens que auxiliem nessas empreitadas pedagógicas, cabe aqui descrever rapidamente como se deu o processo metodológico de desenvolvimento do projeto que resultou no videoclipe.

Tais ações se desenvolveram a partir do *IV Curso de Extensão- Diálogos entre Ciência Arte e Filosofia: contribuições para o Ensino de Geografia*, realizado entre janeiro e março de 2015, para alunos de licenciatura de Geografia FCT/UNESP- Presidente Prudente (SP), ou seja, o curso se voltou para o preparo dos futuros professores do ensino básico no trabalho com as linguagens artísticas no contexto da linguagem científica da geografia. Dentre as várias temáticas, discussões e possibilidades didáticas abordadas durante o curso de extensão, foi proposto o uso de

videoclipes em sala de aula, como linguagem para trabalhar percepções outras dos estudantes, notadamente com a abordagem de conceitos centrais do discurso geográfico, tais como espaço, lugar, território e paisagem.

Tendo como base as abordagens teórico-metodológicas apontadas no decorrer do curso, e como forma de exercício cognitivo para os participantes do mesmo, foi solicitada a elaboração de textos/letras, em um formato que possibilitasse a criação de canções com a temática sobre os vários discursos geográficos, que reverberam, tanto no campo acadêmico, como senso comum. Esse foi o primeiro passo para a criação do videoclipe: envolver acadêmicos que estão inseridos no processo de formação docente, como produtores de pensares sobre o discurso geográfico e, conseqüentemente, como co-produtores de material didático.

A segunda fase do processo de criação do videoclipe se desenvolveu com a fundamental e valiosa contribuição/ajuda dos acadêmicos participantes dos GPLG e GLPE³ e se constituiu na composição das melodias, realizando o exercício de adaptação das letras, buscando uma considerável harmonia sonora. O resultado final foi criar breves canções, que se constituíram em trechos abordando temáticas sugestionadas pelas letras dos acadêmicos. Depois se deu a fase de gravação de instrumentos musicais, vozes e elaboração de arranjos. Em seguida, a mixagem dos sons gravados e inserção de outras sonoridades por meio de recursos eletrônicos, utilizando o programa *Audacity*.

Por fim, foi realizada a captação e/ou escolha das imagens filmicas, e por meio do programa *Windows Movie Maker* ocorreu o processo final de edição do videoclipe⁴. A escolha das imagens teve como referência as letras das canções e foram organizadas seguindo as temáticas de cada música.

Esse foi o caminho seguido para a realização do material audiovisual. Vamos, então, às discussões sobre o resultado deste projeto: as músicas e as imagens que complementam as canções; bem como as referências teóricas que nos orientam nessa caminhada cheia de trilhas.

Discursos sobre geografias: o videoclipe

Diante da discussão proposta, não nos ataremos ao debate sobre em que consiste um “videoclipe” (tecnicamente), ou sua historicidade em nossa sociedade, mas devemos salientar sua importância na indústria fonográfica mundial, e de como essa associação entre imagem e canções possui um poder discursivo muito grande em nós.

As imagens em si possuem grande potência educativa como demonstra Oliveira Jr. (2009):

No campo da Educação, desde Comênio, as imagens aparecem como tendo potência educativa. Nos tempos atuais, elas não mais aparecem apenas como partícipes da criatividade e da eficiência das ações didáticas, mas também, sobretudo, tendo em si mesmas uma dimensão pedagógica, uma potência subjetivadora e de pensamento, como o afirmam autores tão díspares e tão próximos quanto Deleuze e Pasolini. (OLIVEIRA Jr., 2009, p.2).

3 Foram colaboradores o doutorando do PPGG/UFGD Anedmafer Mattos Fernandes e o bolsista de Iniciação Científica Laio Guimarães Freitas do Curso de Graduação em Ciências Sociais/UFGD.

4 Outras informações adicionais sobre a produção/direção, fontes de imagens utilizadas e a contribuição de outras pessoas, estão contidas nos minutos finais do videoclipe.

Oliveira Jr (2010) também salienta a importância do vídeo como possibilidade de devir audiovisual, carregado de afetos:

Não nos chega nunca como um mero relato objetivo, ainda que conserve sob suas imagens e sons algo da sensação de objetividade e neutralidade trazida para diante de nós pela verossimilhança com as experiências visíveis e audíveis cotidianas. Somos afetados pelo desfile de exemplos visuais humanos (Pasolini, 1982) que ali se apresentam conjugados às sonoridades – músicas, silêncios, ruídos etc – que envolvem e intensificam estes exemplos em sentidos amalgamados em sequências normalmente curtas. Estas, por sua vez, adensam em torno de poucas imagens e sons todo um contexto social, todo um pensamento. (OLIVEIRA Jr., 2010, p.166).

A música também exerce essa potencialidade educativa em nós, já que nos leva a um encontro de sensações (agradáveis ou não) com o arranjo sonoro, que pode ser produzido por inúmeros instrumentos e objetos e quando possuidora de letra, com certeza está carregada de intencionalidades e ideologias. Ao analisar a musicalidade Guarani, os pesquisadores Ferraz e Fernandes (2013) destacam a importância da linguagem musical enquanto força capaz de nos afetar, instigando-nos a criar imagens mentais. Mas que não teria como intencionalidade original, ser uma linguagem comunicativa, ou produzir um determinado significado explicativo para fatos e fenômenos.

Partindo de Kant, portanto, temos a música como uma linguagem que não visa imitar o padrão lógico comunicativo da linguagem científica, da escrita gramatical ou da oralidade cotidiana. A música é som e, enquanto som, ela não visa reproduzir um sentido lógico racional exterior a ela, mas atender sua estrutura sonora, ou sua sonoridade própria. É isso que identificamos em Schafer quando afirma ser linguagem “som como sentido”, enquanto a música “é som como som” (SCHAFER, 1991, p. 239). A confusão se instaura quando a música se subsume a palavra, fazendo do som uma canção cujo sentido é cobrado pelo encadeamento de palavras a formarem a letra da mesma. Aí os sentimentos são canalizados numa direção específica, cuja letra acaba por se sobrepor a força afectiva da sonoridade musical, cobrando do ouvinte uma interpretação e estabelecendo um significado comunicativo que tende a uniformizar a compreensão por parte daqueles que entram em contato com dada música. (FERRAZ, FERNANDES, 2013, p. 242).

Deixamos claro que esse trabalho obviamente não é isento de intencionalidades, de tentativas de orientações segundo nossos objetivos, em acordo com os grupos a que estamos vinculados, assim como de nosso referencial teórico de leitura e postura intelectual, diante disso, deduzimos que muitas de nossas considerações aqui registradas podem ser consideradas insatisfatórias ou distantes das observações feitas pelos possíveis leitores. Não há como prever as interpretações, ou as perspectivas que se desencadearão desse encontro texto/leitores. Por esse motivo, o consideramos como carregado de potência reflexiva.

Nossa postura, quanto os motivos que nos moveram a fazer essa experimentação audiovisual, assim como este artigo ao vídeo relacionado, não é de delimitar o como elaborar um vídeo sobre geografia para facilitar ou aprimorar aprendizagem dessa

linguagem por parte de professores e/ou alunos, mas sim de como podemos, por esses dispositivos, afetar os leitores na perspectiva de instaurar as condições de novos acontecimentos enquanto imagens e pensamentos espaciais, ou seja, de provocar o acontecimento de que o professor de geografia seja também criador de pensamentos em geografia e não apenas um reproduzidor de referenciais já estabelecidos como únicos e verdadeiros.

Esse é o nosso plano de referencial com o qual traçamos nosso caminhar, é no contexto dessa perspectiva que nos orientamos e nos localizamos em meio a concepção do fazer ciência e o agir pedagógico. Diante disso, destacamos que, a importância das letras cantadas nas músicas que agenciamos para compor o áudio do vídeo não se restringe a definir um conteúdo que justifica a seleção das imagens, como se as imagens fossem ilustrar o teor dos conteúdos implícitos nas canções, mas sim como provocadoras de reflexões sobre a relação letra (canção) e imagens, e de como se interagem enquanto produtoras de devires sobre os discursos geográficos.

O uso da palavra “devir” se remete ao conceito abordado por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1997), de natureza política, associado ao desejo e a possibilidade do novo.

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 64)

Geógrafos como Ferraz, Girardi, Oliveira Jr. (2013), também utilizam da conceituação proposta por Deleuze e Guattari como fomento a produzir diálogos entre o discurso científico e a utilização de linguagens que provoquem devires geográficos:

O devir é o ingresso numa metamorfose, numa zona de vizinhança (DELEUZE, 1997, p.11-12), onde os elementos se misturam (mapa e música, vídeo e cachimbo, sites de conversas banais e fotografias silenciosamente ensurdecedoras) se contaminam fazendo com que se tornem outros e venham a ser pensados e utilizados de outras maneiras, obtendo novas potencialidades. Experimentações que se enlaçam de diversas maneiras às ações de investigação, muitas delas desfazendo-se da ideia de investigar algo que já existe e atuando em criar-investigar um possível vir-a-ser de uma situação, fenômeno ou conceito espacial. (FERRAZ, GIRARDI, OLIVEIRA Jr., 2013, p. 38).

As palavras presentes nas canções das músicas, portanto, tendem a estriar sentidos possíveis para o entendimento da geografia, para além dos centros de pesquisa e ensino (por exemplo, que a geografia da vida serve para nos localizar e nos orientar), enquanto as imagens tendem a derivar desse entendimento, provocando alucinações, ondulações, tensões com essa possível indicialização de sentido, abrindo para outras perspectivas, para a potência de devires outros, tanto para a geografia quanto para o mundo por ela abordado.

Iniciemos, então, a explanação sobre o videoclipe. Vamos optar por fazer uma abordagem discursiva seguindo a estrutura de ordem das músicas para melhor entendimento. O vídeo foi elaborado em referência as canções (criadas a partir das letras/textos dos acadêmicos, como já foi explicado): *Na Geografia da vida*; *Antes de mais nada*; *A Geografia e sua grandeza mundial*; *Por muito tempo a Geografia*; e por fim, retornando a canção de início *Na Geografia da vida*. Portanto, é composto por

partes. E cada parte possui sua temática associada às canções, que serão descritas no decorrer do texto.

A primeira temática será a letra da primeira canção. Após a abertura, da apresentação dos grupos de pesquisa a que estamos vinculados, inicia-se o título “Discursos sobre geografias”, mostrando uma imagem de nosso planeta filmado por uma câmera de satélite da NASA. A primeira ideia que se pensou sobre o vídeo foi a utilização de velocidade reduzida, da imagem em câmera-lenta, sugerindo um contraponto à dromopolítica contemporânea, teorizada por Paul Virílio, dentro da perspectiva de Vieira (2014). Essa imagem do planeta será utilizada em vários momentos do videoclipe (com tomadas diferentes), principalmente nas transições temáticas, instigando o observador sobre a relação multi-escalar em que os fenômenos se manifestam.

A letra da canção nos alerta que “Na Geografia da vida é necessário se localizar”. Então, nos vem as perguntas, “o que nos orienta? como se localizar?” enquanto vemos passos de um homem que caminha, se movimenta, se desloca, sem vermos o horizonte observado por ele. Entre nossas percepções sensoriais e nossos desejos e perspectivas, como significamos as paisagens?

Em seguida, um homem remando na fronteira entre Bolívia e Brasil, no Rio Paraguai. Mas a fronteira entre os Estados não está em questão. O que buscamos relacionar são os sentidos de localização e orientação, em relação ao mundo a partir do lugar em que o indivíduo se encontra (FERRAZ, 2014). Essa temática percorre todo o videoclipe e a imagem do homem na canoa já apresenta distorções, justamente devido às complexidades que vão se sobrepondo, a nossa tentativa de leitura por meio do discurso geográfico.

Essa relação “o homem e o mundo” vai se desenvolvendo na segunda temática, por meio das multiplicidades de forças intensivas e extensivas. Referenciamos-nos, então, em Deleuze e Guattari (1995) para olharmos sob essa ótica.

De um lado, as multiplicidades extensivas, divisíveis e molares; unificáveis, totalizáveis, organizáveis; conscientes ou pré-conscientes — e, de outro, as multiplicidades libidinais inconscientes, moleculares, intensivas, constituídas de partículas que não se dividem sem mudar de natureza, distâncias que não variam sem entrar em outra multiplicidade, que não param de fazer-se e desfazer-se, comunicando, passando umas nas outras no interior de um limiar, ou além ou aquém. (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 45).

As imagens utilizadas nessas perspectivas trazem o caminhar novamente de um homem, porém, ela vai descolorindo e distorcendo-se, buscando mostrar as multiplicidades constantes em nossas vidas, de forças que nos afetam simultaneamente.

Voltamos para visão do planeta, em seguida um jogo de imagens entre pássaros buscando seu abrigo noturno, formigas em pleno trabalho por comida e a sugestiva pintura de uma bicicleta em uma biblioteca. As imagens continuam apresentando distorções, até chegar na rosa branca, que faz o movimento contrário, e retoma sua cor. Suave, bela, aparentemente estática. Mas não se engane, já dá sinais de mudanças em seus botões. E voltamos ao movimento cotidiano de uma cidade grande como São Paulo e seus transportes públicos, e por fim o mundo continua sua viagem.

Tais multiplicidades, como as forças extensivas, molares, regidas por um pensamento arbóreo que tendem a ordenar nossas vidas, também nos tensionam, mas para buscarmos uma percepção rizomática sobre o mundo, é necessário acessar as multiplicidades intensivas. Como diz a canção “Antes de mais nada, para entender o ser

humano e o tal mundo ao redor, só com compromisso com a natureza, as forças intensas que moldam o cotidiano”, ou seja, as intensividades que estão ao nosso redor. A palavra “natureza” aí pensada, não está dissociada de nós, seres humanos, mas sim, nós como parte dela, em uma relação constante entre forças extensivas e intensivas. No encontro do interno e o externo, é quando se constrói a geografia, ou geografias.

A outra temática, “Geografias: arte e ciência na dança da vida” nos provoca de início, pois nos leva a pensar a relação entre arte e ciência. Não vamos entrar no mérito da discussão sobre a defesa de um ou outro lado, mas apenas questionamos, é possível associar ciência (aqui tomada como o campo de pensamento geográfico que foca o extensivo dos fenômenos) e arte (aqui pontuada como o campo do pensar o intensivo)? Na vida, isso não se dá? Essa visão dicotomizada é que nos atravessa desde tempos remotos, o que acaba por inviabilizar o como essas forças extensivas e intensivas se encontram, se trocam, se tensionam em nós, em nossa geografia da vida. Mas fiquemos com dicotomização por enquanto e de como tentamos balbuciar a rasura desse dualismo em vídeo.

A primeira observação que temos dessa temática é uma imagem desfocada, que aos poucos toma forma, e nos revela a parte de um muro, com um padrão/relogio de energia, e várias rasuras feitas na superfície de seu reboco, refletindo as dinâmicas temporais, ou seja, as geograficidades que se desenvolveram naquela paisagem.

Inicia-se a canção, “Eis a terra que dança e acorda em acordes de sol. Musicar a vida, musicar a arte. Suas percepções estão por toda parte”. A imagem com as rasuras no reboco, que vai se distorcendo mais intensamente (como um lago que teve uma pedra lançada em suas águas), ondulando-se, fazendo a transição. Temos, então, em sequência a imagem da dança na aldeia Awa Guarani, em Guaíra-PR, uma área de ocupações, onde a prática do ritual, por meio da canção, atualiza o território (FERRAZ, FERNANDES, 2013). Faz a ligação entre o virtual da canção, o sensorio e o real. Assim, criam o lugar sagrado associado à sua cosmologia.

A ondulação da imagem vai se dissipando e as cores começam a se alterar, como uma alteração perceptiva do real, a ponto de se rasurar. Tal rasura, se manifesta também na próxima imagem, que é das crianças da própria aldeia brincando às margens do Rio Paraná. A imagem vai descolorindo, retorna para o ritual: distorcido, ondulado, assim como a canção também se distorce sonoramente.

Então, ocorre a transição para outra imagem, de um outro ritual, porém urbano, desencadeado pela sonoridade agressiva de um show de punk rock. As ondulações permanecem até a imagem final dessa temática. Tal imagem demonstra uma prática, culturalmente corriqueira, que se constitui quase como um rito no estado de Mato Grosso do Sul, a roda de tereré⁵. Uma construção identitária associada ao território, que também é praticada pelos Guaranis. Mas a sugestão proposta é pensar a relação entre os processos que agem sobre nossas percepções de mundo. A dança de roda, a roda punk, a roda de tereré, se configuram como espacialidades coetâneas, múltiplas, inter-relacionadas, construindo vários sentidos, significados sobre os lugares, para os lugares.

Para Douglas Santos (2007), “O lugar possui uma identidade a partir do momento em que é possível comparar um fenômeno com um conjunto de outros e, assim, identificar sua posição em relação aos demais” (SANTOS, 2007, p.11). Ou seja, a forma espacial do fenômeno é a própria paisagem do lugar, no qual o mesmo se territorializa com dada região de sentidos e usos, eis aí o lugar em sua forma espacial, em sua geografia. Tendo isso como parâmetro de leitura geográfica, a força espacial do

5 Bebida a base de erva mate e água (preferencialmente gelada), servida em uma cuia ou copo e tomada/ingerida por uma bomba (canudo de metal com uma peneira na ponta).

fenômeno, portanto, se dá como acontecimento da multiplicidade, ou seja, nessa perspectiva, que compartilhamos dos pensamentos de Doreen Massey, entendemos o espaço como produto de inter-relações múltiplas e em processo constante de diferenciação.

A política de inter-relações reflete, portanto, a primeira proposição, de que o espaço, também, é um produto de inter-relações. O espaço não existe antes de identidades/ entidades e de suas relações. De um modo mais geral, eu argumentaria que identidades/entidades, as relações “entre” elas e a espacialidade que delas faz parte são todos co-constitutivas. (MASSEY, 2009, p.30).

O vídeo, por conseguinte, visamos instigar esses sentidos em co-constituição de diferenciações ao invés de buscar fixar identidades de fenômenos enquanto lugar. Como decorrência desses efeitos imagéticos, inicia-se uma nova temática “Geografias: fronteiras de encontros e separação”, apresentando o “nós” e os “outros”, e novamente o caminhar de um homem, porém a imagem passa a ter as cores intensificadas, como se as tensões fossem se acentuando. E se acentuam na imagem seguinte, com a visualização de um mapa representando a fronteira entre México e Estados Unidos da América, por meio de uma cartografia tradicional, e em sequência pela imagem verticalizada do *Google Earth*.

No entanto, tal representação não dá conta das inter-relações que constituem aquele espaço no plano horizontal, configurando-se em umas das fronteiras mais bem fiscalizadas do mundo. Somente os pássaros, mostrados na imagem seguinte, voam sobre a cerca sem maiores problemas. Caso um mexicano passe para tomar um banho nas águas das praias vizinhas, já pode se constituir como um migrante ilegal, um invasor clandestino sobre a extensão física do território administrado pelo Estado norteamericano.

A imagem que reverbera dessa é a do mapa representacional, o qual fixa as formas dos territórios numa representação proporcionalmente reproduzida em bases científicas (matemáticas). Temos dois locais rigorosamente ali reproduzidos em imagem (os EUA de um lado e o México de outro). A fronteira é o limite da forma espacial de cada um, é o que separa um território do outro. Mas, para além dessa representação que fixa o sentido de divisão territorial, temos a dinâmica múltipla e co-constitutiva da vida, a qual está sempre em diferenciação (como os pássaros que não entendem nem obedecem a essas fronteiras fixas).

A letra da canção faz alusão, de maneira metafórica e irônica, sobre o discurso hegemônico da cartografia institucionalizada (e do discurso maior da geografia científica), apontando como esses discursos delimitam uma concepção que se coloca como única e verdadeira da forma espacial dos locais (os territórios extensivos) em que o mundo está dividido (identidades fixas de cada Estado-Nação), sendo que tal imagem pedagógica e almeja padronizar a forma como usualmente nos orientamos e nos localizamos no mundo:

“É a poesia que o homem escreve pra terra, orientação de paz pra quem vive na guerra. Do Sul ao Norte, do fraco ao forte, seja pela vida, ou pela morte. Cê me localiza, cê me orienta, nos rumos do meu coração. Nesse espaço de ilusão”.

A reflexão pode ser feita ao considerarmos que a cartografia dessa Geografia majoritariamente institucionalizada e oficial, toma o espaço como superfície externa e

extensiva, “ o espaço como solo e mar, como a terra que se estende ao nosso redor” (MASSEY, 2009, p.22). Mas tomar o espaço como restrito a essa extensão, sobre o qual as coisas estão, é uma perigosa ilusão geográfica.

Para Massey (2009), essa abordagem conceitual sobre o espaço resultou e continua resultando em visões hierarquizadas sobre os territórios. Intensificando o distanciamento entre o “nós” e os “outros”, ou promovendo ideias e valores de inferioridade ou subalternidade:

Portanto, esse modo de conceber o espaço, pode assim, facilmente, nos levar a conceber outros lugares, povos, culturas, simplesmente como um fenômeno “sobre” a superfície. Não é uma manobra inocente; desta forma eles ficam desprovidos de história. Imobilizados, esperam a chegada de Cortez (ou a nossa, ou a do capital global). Lá estão eles, no espaço, no lugar, sem suas próprias trajetórias. Tal espaço torna mais difícil ver, em nossa imaginação, as histórias que os astecas também estavam vivendo e produzindo (MASSEY, 2009, p. 23).

O educador Sylvio S. Gadelha Costa (2005), ao analisar o “outro” no processo educativo, parte de observações acerca da colonização europeia nessa construção identitária, nesse movimento de olhar para o espaço extensivo à sua frente, esperando para ser conquistado, associando-se assim aos pensamentos de Doreen Massey, e utilizando como pano de fundo, o romance *Robinson Crusoe*, do escritor Daniel Defoe:

O “outro” seria tupi, seria guarani, mas também seria maia e asteca. E, ainda, os aborígenes australianos, os negros do Continente Africano, os árabes e sarracenos, ou mesmo estranhos povos do Oriente, versões outras da alteridade. Digamos, em suma, que talvez ele pudesse ser encarnado emblematicamente por Sexta-Feira: como o “outro” (de Robinson) a ser (por este) “educado”/“civilizado” (COSTA, 2005, p. 1263).

Essa relação entre o eu/nós e o outro(s), o civilizado e o selvagem, está diretamente ligada à nossa percepção espacial. E, muitas vezes, nos acostumamos a essa configuração territorial de poder, de ordenação espacial, mas como nos mostra a imagem final dessa temática em questão, o mundo se deforma, distorce, também ondulando como as águas de um lago atingido por uma pedra. O espaço de ilusão.

Na temática final, “Geografias: a diferença entre local e lugar da vida”, a canção se inicia com vozes de crianças cantando “Na Geografia da vida, é necessário se localizar”, a palavra “localizar” entra em eco, como se fosse uma necessidade que vai se reverberando, ecoando desde a infância até nossos últimos momentos de lucidez da vida adulta. É importante sabermos nossa localização, onde estamos. Mas o estar não é o ser?

De acordo com Ferraz (2010), as mudanças ocorridas nos últimos anos nas relações econômicas, comunicacionais e informativas, afetaram todos os setores da sociedade, nas mais variadas escalas espaciais. O autor destaca alguns elementos tais como:

A fragmentação das unidades societárias no território; porozidade das fronteiras, e limites; interação de fenômenos entre as várias escalas de manifestações; virtualização dos elementos físicos; multiplicação da presentificação de imagens e veículos imagéticos nas rotinas humanas; aceleração dos acessos informativos, num tempo cada vez mais

instantâneo e num espaço que parece se desfazer. (FERRAZ, 2010, p. 16).

Diante desses fatores, segundo o autor, “os sentidos de orientação e localização do homem no mundo passam a sofrer profundos processos de reelaboração de significados” (FERRAZ, 2010, p.16). A nossa relação topológica com o local, e a significação dos fenômenos ali desenvolvidos, associados a uma percepção escalar, efetivam o lugar (SANTOS, 2007), e conseqüentemente projetam o espaço. Quando a canção retorna dos ruídos que foram projetados pelos ecos do canto das crianças, a letra seguirá para a segunda estrofe “E não ter dúvida de seu espaço, e se projetar”.

Como não ter dúvidas sobre o “seu espaço”? As dinâmicas produtivas do capital nos impõem um ritmo de vida acelerado, com dimensões escalares globais. Ferraz (2010) aponta que “a produção de parâmetros mais estáveis de sentidos e localização estão passando por rápidos processos de mudanças, e, em grande parte, se volatilizando.” (FERRAZ, 2010, p. 18).

A sequência de imagens que se seguirão nessa temática, inicia-se com transeuntes chineses na cidade de Shenzhen, abrindo o plano para toda a avenida com uma visão panorâmica (com distorções). Ao utilizarmos essas imagens, buscamos sugerir a reflexão sobre as rápidas transformações socioeconômicas ocorridas na China, e no restante do mundo onde o capital busca se reproduzir. Em seguida, nos aparece a imagem da tela do Home Broker⁶, e do último pregão realizado na BM&F Bovespa, com cores intensas, distorcidas, onduladas, salientando as tensões que se instalam por meio de nossa relação com o local, mediada, muitas vezes, agressivamente pelo capital. A intenção talvez fique mais clara quando surge a imagem do menino dormindo em um papelão na calçada. Ignorado, a princípio, pela produtividade capitalista, configurando-o em uma paisagem local de insucesso nesse arranjo econômico espacial.

Ruy Moreira, em seu livro *O discurso do avesso* (2014), no capítulo *A estrutura analítica: o lugar estruturante do arranjo*, argumenta que os arranjos das paisagens, dos territórios e do espaço, estão orientados pelo capital. Estaríamos em arranjos econômicos, e que esses arranjos se encontram em diferentes escalas e proporções, do local ao global.

As imagens seguintes tentam associar e contextualizar o sistema produtivo capitalista, com nosso cotidiano, seja na estação de metrô em Paris, onde observamos o convite feito, pela propaganda nos cartazes, para assistirmos uma apresentação de balé, ou no uso diário de nosso aparelho celular, conectado à internet e virtualmente a vários bancos de dados, redes de consumo e/ou redes sociais, entre outros.

A próxima imagem nos leva às Ilhas Flutuantes de Uros, no Lago Titicaca-Peru⁷. Os moradores da ilha desenvolveram a tecnologia através da utilização das raízes de um tipo de capim aquático, como base flutuante para a construção das suas ilhas e moradias. De seus lugares, de seus espaços, de suas geografias. A principal fonte de renda advém das visitas dos turistas até a ilha que fazem com que se desdobrem em produções de artesanatos, bem como de performances de modo de vida tradicional para comercializar mais efetivamente os produtos ofertados. A transformação de mercadoria de seus modos de vida reflete com clareza o que Ruy Moreira (2014) indicou.

6 Sistema que possibilita a negociação de ações e outros ativos financeiros diretamente através da internet com bolsas de valores.

7 Visitamos essas ilhas em janeiro de 2015, e fomos profundamente afetados pelo contexto territorial que ali acontece enquanto forma espacial do lugar.

Na sequência, temos um cidadão boliviano realizando sua possível rotina diária, enquanto caminha entre lojas (ainda fechadas) e desenhos de grafite nos muros a seu lado. E, por fim, duas imagens da mesma região, mas de lugares distintos. As raízes das árvores nas margens do rio, e os galhos secos no ninho do tuiuiú, no Pantanal sul-mato-grossense. A ambiguidade interessante que se instala é a apropriação da paisagem feita pelo turista que filmou tanto o homem caminhando na rua boliviana, as raízes nas margens do rio e o ninho no alto da árvore. É uma relação orientada também pelo arranjo econômico. No entanto, o homem continua sua vida, com suas relações com outros arranjos econômicos. As raízes, seus arranjos nas margens para sustentar a árvore. E o tuiuiú, já deve estar fazendo seus arranjos territoriais para alimentar seu filho.

Reflexões finais

Pontuamos com este texto nossas intenções e objetivos para com a experimentação audiovisual por nós elaborada. Entendemos este artigo como uma demarcação política e estética de nossos referenciais teóricos e educacionais. Isso que nos motivou a escrevê-lo, pois sabemos que o encontro com os sons e imagens presentes no vídeo apresentam sentidos em aberto, o que afetará de forma diversa a cada um que entrar em contato com o mesmo. Se esse encontro for mediatizado por este artigo, os sentidos sofrerão, com certeza, uma delimitação na direção por nós almejada, contudo, sabemos que muito do que vai ser percebido se dará de forma muito diferente do que nós pensamos ou objetivamos com a elaboração do audiovisual.

De modo geral, o vídeo e o texto se complementam, mas se tensionam, pois um tenta escapar enquanto o outro visa delimitar uma fronteira de entendimento. Mas entendemos que essa tensão/complementação é a riqueza desses planos de expressão, sendo que não temos controle dos desdobramentos futuros de ambos. O vídeo apresenta algumas constâncias, principalmente na transição entre as temáticas, ora com tela branca, ora escura, paralelo aos ruídos sonoros. A intencionalidade sugerida é de tensões transitórias entre as temáticas e paisagens exibidas, como um “entre-lugar”. Para Ferraz (2010), o conceito “aponta para um determinado arranjo espacial que se caracteriza por ser fronteira, ou seja, ao mesmo tempo em que separa e limita, permite o contato e aproxima” (FERRAZ, 2010, p.30), sendo um lugar de estranhamento e de potencialidades de identidades, segundo o autor.

Recorremos, mais uma vez, a Massey (2004) para pensar o espaço pelo conceito do Entre-Lugar:

Trata-se de uma proposta para reconhecer o espaço como a esfera do encontro, ou não, dessas trajetórias - onde elas coexistem, afetam uma a outra, lutam. O espaço, então, é o produto das dificuldades e complexidades, dos entrelaçamentos e dos não-entrelaçamentos de relações, desde o inimaginavelmente cósmico até o intimamente pequeno. O espaço, para repetir mais uma vez, é o produto de inter-relações. (MASSEY, 2004, p. 17).

As inter-relações se efetivam em nosso dia a dia, por isso a necessária percepção de se reconhecer no entre-lugar (FERRAZ, 2010) e aprender a se relacionar com o novo, o inusitado, evitando os sectarismos. Voltando ao ensino, o “ouvir” e o “olhar”, o “sentir” e o “pensar” não podem ser encarados como faculdades totalmente independentes no campo do ensino; tais sentidos e mecanismos perceptivos complementam-se e servem como agenciadores de sensações no processo de criação de pensamentos na direção de melhor orientação e localização espacial.

Esse “entre-lugar” fronteiro é o local em que entendemos do acontecer da leitura geográfica da forma espacial dos fenômenos, ou seja, é o encontro no corpo entre as forças extensivas e externas com a potência intensiva que dobra os fenômenos em sua interioridade de sentidos, territorializando os mesmos em formas de pensamento que permite os corpos elaborarem seus referenciais de localização e orientação no próprio processo de diferenciação, multiplicidade e mobilidade da vida. Assim, não apenas observamos a exterioridade das coisas e a fixamos em uma representação que as uniformiza e localiza, mas vivenciamos os sentidos outros dos fenômenos em nós, em devires outros, intensivamente.

Com o vídeo, tentamos estabelecer essa relação de conhecimento possível a partir do que “se ouve” e do que “se olha” como encontro tenso e em aberto do próprio processo de produzir conhecimento espacial. Essa relação dialógica deriva de conceitos epistemológicos que propõem um espaço semântico social e solidário porque é compartilhado e trabalhado com todos os interlocutores envolvidos.

O simples ato de localizar-se gera um pensar geográfico do qual se desdobram outros questionamentos a fim de se orientar no mundo a partir do lugar em que o sujeito se encontra (SANTOS, 2007). Isso pressupõe elaborar um conjunto de referenciais espaciais, sejam eles percebidos por meio de sons, cheiros, cores etc., de maneira a serem agenciados na articulação de pensamentos que se territorializem em novas formas e imagens capazes de expressar esses sentidos e vivências.

Os fenômenos se desencadeiam em inúmeras proporções e escalas. Desde o tuiuiu, o jovem na roda punk, as luzes brilhantes dos grandes centros urbanos, até as tempestades observadas nas imagens de satélites. E cada linguagem humana, pode falar, cientificizar, poetizar, melodicizar, olhar, interpretar, entre outras tantas possibilidades de elaboração de discursos sobre esses fenômenos. E o fazem, assim com a Geografia também o faz. Cria discursos sobre essa relação topológica dos fenômenos, que criam espaços, lugares, territórios, regiões e paisagens. O seja, discursos sobre geografias.

Referências bibliográficas

COSTA, Sylvio de Souza Gadelha. De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou canelo). **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1257-1272, Set./Dez. 2005 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FERRAZ, Cláudio Benito O. Entre-Lugar: apresentação. **Revista Entre-Lugar**. Dourados (MS): Editora da UFGD, ano 1, n. 1, p. 15-31, 2010.

FERRAZ, Cláudio Benito O. Cartografias Sonoras: do olhar fixo para a escuta nômade. In: ANTÔNIO, Vieira. JULIÃO, Rui P. (coords.). **Atas do XIV Congresso Ibérico de Geografia – Jangada de Pedra: geografias – ibero – afro – amercianas**. Guimarães (Pt): Universidade do Minho, 2014, p. 436-441.

FERRAZ, Cláudio Benito O., FERNANDES, Anedmafer Mattos. IMAGENS SONORAS: exercício a partir das músicas selvagem. In: FERRAZ, Cláudio B. O; Nunes, Flaviana G.(Orgs.) **Imagens, Geografias e Educação: intenções, dispersões e articulações**. Dourados: Ed. UFGD, 2013, p. 239- 264.

FERRAZ, Cláudio Benito O. GIRARDI, Gisele. OLIVEIRA Jr, Wenceslao M. Percursos na diferença: um ano e quarenta e cinco pessoas. In: FERRAZ, Cláudio B. O; Nunes, Flaviana G.(Orgs.) **Imagens, Geografias e Educação: intenções, dispersões e articulações**. Dourados: Ed. UFGD, 2013, p. 13- 40.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor: variáveis e variações. **36ª Reunião Nacional da ANPEd-** Goiânia-GO, 2013.

KAERCHER, Nestor André. **Se a geografia escolar é um pastel de vento o gato come a geografia crítica**. Porto Alegre: Efangraf, 2014.

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **Revista GEOgraphia**, ano 6, n. 12, p. 7-23, 2004.

_____. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução: Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2009.

MOREIRA, Ruy. **O discurso do avesso: para a crítica da geografia que se ensina**. Contexto- São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, Jr. Wenceslao M. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pro-Posições**. Capinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez., 2009.

OLIVEIRA, Jr. Wenceslao M. Vídeos Resistências e Geografias menores: linguagens e maneiras contemporâneas de resistir. **Terra Livre: crise, práxis e autonomia, espaços de resistência de esperança**. AGB, Ano 26, vol-1, nº 34, p. 161- 176. São Paulo-SP, 2010.

SANTOS, Douglas. **O que é Geografia?** Inédito, 2007.

VIEIRA, Rafael A. K. A dromopolítica contemporânea como produtora de um falso nomadismo para as subjetividades. In: FORNAZARI, Sandro K. (Coord.). **Deleuze Hoje**. São Paulo: Editora FAP UNIFESP, 2014, p.359-372.